

Como tornar cidadã um ser “exclusivamente dedicado ao amor”? Sobre Elvira López, autora da primeira tese em filosofia feminista da América Latina

How to become a citizen a being "exclusively dedicated to love"? About Elvira López, author of the first thesis in feminist philosophy in Latin America

¿Cómo hacer ciudadano a un ser "dedicado exclusivamente al amor"? Sobre Elvira López, autora de la primera tesis de filosofía feminista en América Latina

ESTER MARIA DREHER HEUSER¹

Sensibilizada pelos movimentos das professoras de filosofia, organizadas no Grupo de Trabalho da ANPOF “Filosofia e Gênero”, e das premissas que os sustentam – a saber: 1) “a necessidade de reconhecimento de que a história da filosofia não é nem nunca foi feita só de homens, reconhecimento que nos obriga à tarefa de marcar a produção filosófica de mulheres e/ou sobre mulheres”; 2) “a filosofia está diante da exigência de incluir o debate sobre igualdade de gênero nos seus currículos, a fim de atender resoluções recentes do MEC, resultado da luta do movimento de mulheres”² –, durante o meu estágio de pós-doutorado na Argentina, na Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Buenos Aires, ainda que voltado para a pesquisa em torno da Filosofia de Deleuze como potência para pensar o ensino de filosofia, houve uma oportunidade³ para que eu buscasse um trabalho referencial em filosofia, desde uma perspectiva feminista, produzido por uma argentina. A busca foi surpreendente: a primeira turma do curso de Filosofia daquela Faculdade, em 1901, foi marcada por uma tese defendida por Elvira López (2009), intitulada: *El movimiento feminista. Primeros trazos del feminismo en Argentina*. É sobre ela e as circunstâncias históricas de criação dessa faculdade que escreverei, com prazer, na comemoração dos 30 anos do PET-Filosofia, na *Revista Diaphonía*⁴, em sua Seção “Escritos com prazer”. Mostrarei que Elvira López fez filosofia no sentido definido por Halina Leal, professora vinculada ao GT Gênero e Filosofia: “a filosofia é crítica, formulação de questionamentos e desestabilização de posturas enraizadas” (2021).

¹ Professora do Curso de Graduação e Pós-Graduação (*Stricto Sensu*) em Filosofia da UNIOESTE e ex-tutora do PET. Filosofia na mesma instituição. E-mail: esterheu@hotmail.com

² Disponível em: <https://www.anpof.org.br/gt/gt-filosofia-e-genero>, acesso em 06 out. 2022.

³ Trata-se da terceira edição do evento “Caminhos Cruzados (Spinoza, Fichte e Deleuze)”, da Faculdade de Filosofia – UBA, em novembro de 2021. A comunicação deveria cruzar ideias de ao menos um desses filósofos com alguém da Argentina que ousou pensar. Dentre os eixos disponíveis para problematizar caminhos da política, escolhi o “Eixo 1: Povo cultura e identidade nacional”, Elvira López foi a protagonista, com Deleuze e Spinoza, rapidamente, cruzando o seu caminho.

⁴ Revista que, no mês de outubro de 2022, tem como o texto mais lido “Mary Wollstonecraft e os direitos das mulheres”, de Jaime Farherr, professor e ex-petiano da Filosofia UNIOESTE, com mais de sete mil visualizações. Prova da importância da *Diaphonía* como meio de divulgação do pensamento de filósofas.

Em linhas gerais, López defendeu a igualdade, civil e econômica, entre todos os membros de uma nação, pois só por meio dela que eles poderão transformar suas virtudes sociais em fortalecimento e promoção de uma sociedade melhor. Considerando que uma de suas preocupações foi o problema da constituição da nação argentina e a consequente composição da identidade nacional, o que não poderia acontecer sem o protagonismo das mulheres argentinas, era imprescindível interrogar: quem é a mulher argentina? Resposta que López não pode dar à época, porque “o tipo de mulher argentina ainda está em formação” (2009, p. 229⁵). Embora López tenha mostrado como na história, em todos os lugares do planeta, a mulher foi considerada e tratada como inferior, ela insistiu na responsabilidade da própria mulher em assumir “sua missão de mãe de cidadãos livres e de colaborar na organização definitiva desta república que, mal emergiu da dominação colonial, precisa do esforço de todos os seus filhos [e filhas]”⁶ (2009, p. 250).

Ao colocar a condição e a formação da mulher argentina no centro de suas preocupações filosóficas, López questionou leis e costumes vigentes em sua terra natal, especialmente em relação às meninas e mulheres. Ao fazê-lo, também desestabilizou os seus avaliadores, que reprovaram sua tese por duas vezes. Se seu movimento de pensamento for considerado à luz da questão deleuze-guattariana “Como fazer um povo e uma terra, ou seja, uma nação?” (1997, p. 155), pode-se dizer que a resposta implica a “invenção” da mulher argentina, sem a qual o “problema da nação” não pode sequer ser colocado. Uma parte importante do esforço de Elvira López foi realizada graças à existência da Universidade de Buenos Aires, à sua nacionalização e à mudança de perfil dos ingressantes, no final do século XIX.

A Universidade de Buenos Aires no processo de formação da nacionalidade argentina

A fundação da Universidade de Buenos Aires (UBA), em 1821, é parte da invenção da nação argentina. Fundada alguns anos após a independência (1816), a UBA foi “uma das obras-primas da reconstrução do Estado que começou precisamente em 1820” (HALPERÍN, 1962, p. 29). Inicialmente, cumpriu a função de criar as elites “ilustradas” que integrariam a administração do Estado nascente, assim como tinha a finalidade de formar os “doutores” que governariam. Apesar de ser uma “universidade crioula”, em suas origens, os idealizadores da UBA se inspiraram na Europa, para seguir o modelo do Iluminismo. Contaram com a ajuda de professores europeus para o ensino de algumas disciplinas e a “divulgação de conhecimentos

⁵ As traduções dos textos em espanhol são todas feitas por mim.

⁶ Ao deparar-me com essa assertiva, ao invés de julgar que López, aos olhos de hoje, pode ser considerada machista, na medida em que defendeu a função materna das mulheres como primordial, relacionei-a ao admirável e corajoso trabalho da Associação das Mães e Avós da Praça de Maio que, desde 1977, é ativo contra as injustiças e a exploração capitalista dos filhos e filhas latino-americanos. Informações e a história do movimento estão disponíveis em: <http://madres.org/>, acesso em 6 out. 2022.

úteis”, como Física, Química, Matemática, Economia Política, Direito Civil, Medicina, Botânica, Astronomia, Desenho etc. Isto para desenvolver um “processo civilizatório, iluminado e laico”, não sem que a Igreja participasse de seu início, preocupada sobretudo com a moral, a ordem e a disciplina. Para o seu primeiro reitor, o presbítero Doutor Antonio Sáenz, além de transmitir conhecimentos teóricos, orientações de conduta também deveriam fazer parte da formação dos estudantes, “para isso, era necessária a aceitação absoluta da autoridade e da ordem por parte dos alunos” (UNZUÉ, 2012, p. 84).

A aprendizagem e o cultivo das humanidades, assim como a dedicação à literatura, não estavam presentes na universidade, se davam de maneira autodidatas e fora dela, em “esferas essencialmente privadas” (BUCHBINDER, 1997, p. 23). Na avaliação de Buchbinder, as tentativas de cultivar as humanidades na esfera pública tiveram pouco sucesso porque a sociedade portenha se configurava “excessivamente motivada e orientada pela ambição material, sem vínculos de solidariedade espiritual e sem consciência de pertencimento comunitário” (BUCHBINDER, 1997, p. 27). O que não contribuía para a constituição de uma identidade nacional. O remédio para esse mal, que colocava em risco a unidade do povo e a formação da nacionalidade, foi alterar o sistema educacional. Por um lado, no ensino primário, destacou-se o ensino das humanidades, da língua castelhana e da história; por outro lado, a universidade tinha a missão de nacionalizar o sistema educacional, na medida em que lhe cabia formar educadores e pesquisadores com base nos “estudos sociais dos fenômenos argentinos”, pois, até então, eram os problemas europeus que ganhavam atenção. Entre os “fenômenos argentinos” vale destacar dois que foram de grande importância na formação da nacionalidade argentina, na penúltima década do século XIX: 1) com as políticas de imigração implementadas a partir de 1880, a população estrangeira dobrou em um pouco mais de dez anos, o que obrigou o Estado a criar condições de permanência e desenvolvimento do sentimento de pertencimento à nação argentina; 2) em 1884 foi promulgada a Lei 1.420 de Educação Comum, Livre e Gratuita⁷, por meio da qual a educação passou a ser um direito de meninos e meninas e uma obrigação do Estado. Este ato abriu caminhos para a educação dos iguais. Os dois “fenômenos” exigiram o compromisso do Estado e da sociedade em formar professores com “consciência de pertencimento nacional” (FEMENÍAS, 2021, p. 204). A mudança no sistema educacional implicou a elaboração de um “corpus científico sobre os problemas argentinos” e sobre “a realidade nacional”, do ponto de vista histórico, literário e social, com vistas também a construir uma espécie de repertório de “ciências argentinas” (BUCHBINDER, 1997, p. 27). Se esse propósito fosse cumprido, apostava-se que a universidade proporcionaria a “solução dos problemas

⁷ Uma análise complexa sobre essa Lei e seus efeitos até a contemporaneidade, feita por especialistas em Educação, está disponível em: <https://www.cultura.gob.ar/ley-1420-el-gran-avance-en-los-derechos-educativos-de-los-ninos-y-nina-10724/>. Acesso em 07 out. 2022.

sociais, uma vez que esses fenômenos fossem analisados do ponto de vista argentino” (BUCHBINDER, 1997, p. 28).

Esse foi o marco de criação da Faculdade de Filosofia e Letras da UBA, que deveria ser o “espaço privilegiado para o cultivo e o ensino das disciplinas humanísticas”, o qual “simbolizou a abertura de uma nova etapa da vida universitária, marcada pela promoção da ciência e da pesquisa desinteressadas” (BUCHBINDER, 1997, p. 32). Dado que a Faculdade se tornaria um centro de formação de professores para o ensino secundário e de formação das elites dirigentes, havia a preocupação, por parte do Conselho de Acadêmicos Honorários que idealizou, de que também ela pudesse cair no utilitarismo, sob pena de se tornar “um instrumento para a fabricação de diplomas”, como havia ocorrido, por exemplo, com as Faculdades de Medicina, de Engenharias e de Direito. Para evitar esse risco, as diretrizes visavam que os estudos, em todas as disciplinas (literárias, artísticas e científicas), fossem desenvolvidos por meio de um elemento unificador, qual seja, o método científico. Assim como também deveriam ficar separadas das instituições políticas e sociais. Seus professores eram incentivados a ir além da figura de divulgadores de dogmas científicos, alcançando a condição de críticos, pesquisadores e expoentes de ideias. Levando tudo isso em conta, a Faculdade de Filosofia e Letras cumpriria a tarefa de construir-se “sobre bases sólidas da alta cultura nacional” (BUCHBINDER, 1997, p. 33).

Em 1896 teve início a primeira turma da Faculdade de Filosofia e Letras da UBA, com 29 alunos. Entre eles, se inscreveram quatro mulheres, amparadas pela Lei 1.420 (cf. FEMENÍAS, 2021). Até então, as poucas estudantes argentinas somente haviam cursado Medicina. A fundação da Faculdade de Filosofia e Letras permitiu a matrícula de professoras formadas em nível secundário, o magistério, obtido em escolas nacionais, sem outros requisitos. A partir disso, as mulheres concentraram-se nas carreiras oferecidas pela Filosofia e Letras (cf. PALERMO, 2006). Os estudos foram distribuídos em quatro anos: os três primeiros de bacharelado e o último de “doutorado”, quando era apresentada uma tese. Ao final do curso, os(as) alunos(as) obtinham o título de “Doutor(a) em Filosofia e Letras”, que “não era uma pós-graduação como é hoje” (BUCHBINDER, 1997, p. 37).

A invenção de uma filosofia feminista prudente

Em 1901, quatro homens e quatro mulheres da geração de 1896 apresentaram suas teses de doutorado (cf. FEMENÍAS, 2021). Entre elas estava Elvira López⁸ que defendeu a primeira tese escrita na América do Sul sobre feminismo. Para além do tema, acrescentam-se as circunstâncias da banca de avaliação: o júri era composto apenas por homens que, como se pode ler no início da tese, não se agradaram de seu

⁸ Com Elvira estudou sua irmã mais nova, Ernestina López, cuja tese era intitulada pela questão: *Existe uma literatura propriamente americana?* As irmãs receberam o diploma de “Doutora em Filosofia e Letras”, em 20 de outubro de 1901 (Cf. SPADARO, 2005).

teor, fazendo com que passasse por três mesas julgadoras, com composições diferentes⁹. Importante ressaltar que o orientador da tese, o neokantiano Rodolfo Rivarola, era sensível à situação jurídica da mulher – trabalhava com o tema do Direito da mulher à nacionalidade, até então vinculado ao do marido –, e seu co-orientador, Antonio Dellepiane, era defensor dos direitos das mulheres, ambos a incentivaram a não desistir da pesquisa e de sua defesa (cf. FEMENÍAS, 2021). Com todas as concessões que estamos habituados a fazer aos “filhos do tempo”, produtos das circunstâncias históricas, essas negativas parecem compreensíveis cento e vinte anos depois, especialmente considerando que Elvira López gerou “uma nova superfície a partir da qual pensar” (GAGO, 2009, p. 9). No entanto, Elvira López não estava sozinha em sua escrita, o feminismo rioplatense havia começado em meados do século XIX e “tinha fortes raízes nas várias correntes progressistas”, ela era “endossada por um movimento mais amplo de feministas ativas, ligadas, especialmente, ao Partido Socialista [ao qual López era filiada]” (FEMENÍAS, 2021, p. 206). Portanto, assim como o século XIX pariu esses doutores que se recusaram a aprovar a tese de López, também deu à luz homens e mulheres que afirmavam e defendiam a igualdade entre homens e mulheres. Faço questão de frisar esse aspecto relativo à história e aos filhos que ela gera porque outro argumento me sensibiliza, também apresentado no site da ANPOF, este desenvolvido por um ex-estudante da Filosofia da UNIOESTE, Dr. Fernando Sá Moreira, leitor e falante da língua alemã, que escolheu buscar, traduzir e pôr em evidência a Filosofia Africana. Ao fazê-lo, como um efeito colateral, Moreira evidenciou as limitações e problemas implicados na nossa relação com a história da filosofia que tende a assumir, passiva e acriticamente, heranças racistas, escravistas, machistas e colonialistas, com o argumento, ou desculpa, do “filho do tempo”:

No fundo, o argumento da herança do tempo é normalmente uma declaração pública de bastardia. Filho feio não tem pai. Com tal declaração não fazemos muito mais do que abraçar um desejo de não entender nossos filósofos, sobretudo onde a tinta que lançaram sobre suas obras não nos dá material para lustrar uma vez mais as belas esculturas de bronze, que tentamos erigir em honra deles na memória pública. E, a consequência disso é que, em tais momentos, não apenas arriscamo-nos a abdicar coletivamente de fazer filosofia “de verdade”, mas também de nos mostrar hábeis e vocacionados a fazer uma boa e séria história da filosofia. Mas acontece que às vezes

⁹ Não há informações sobre os processos avaliativos da Tese, sabe-se, apenas, a composição das bancas avaliadoras: “Primeira mesa - Presidente: Dr. Lorenzo Anadón. Arguidores: Dr. Francisco A. Berra, Dr. Antonio Dellepiane, Dr. José N. Matienzo, Dr. Rodolfo Rivarola, Dr. Ernesto Weigel Muñoz; Segunda mesa - Presidente: Dr. Enrique García Mérou. Arguidores: Sr. Juan J. García Velloso, Dr. Joaquín V. González, Dr. Rafael Obligado, Dr. Calixto Oyuela, Dr. José Tarnassi; Terceira mesa - Presidente: Dr. Estanislao S. Zeballos. Arguidores: Dr. Joaquín Castellanos, Sr. Clemente L. Fregeiro, Sr. Samuel A. Lafone Quevedo, Dr. David Peña” (LÓPEZ, 2009, p. 25).

há sangue na herança que recebemos daqueles que vieram antes de nós (2022).

Voltemos à tese de Elvira López. O que ela fez para causar tantos impactos e, ainda assim, finalmente, receber o título de doutora? O cenário de sua tese tinha o interesse de “fundar teoricamente o conjunto de demandas políticas e sociais” das mulheres (FEMENÍAS, 2021, p. 207). O ponto de partida por ela adotado foi o conceito kantiano de lei universal: mostrou como o conceito não se aplicava às mulheres. Portanto, falhava em sua pretensão de universalidade e engendrava, assim, uma exclusão ilegítima que deveria ser corrigida. Ela produziu uma “lista histórico-mítica de mulheres notáveis na história, literatura e filosofia” – a mesma estratégia implementada pelas feministas do século XXI – para, depois, alertar que “as mulheres são habitualmente silenciadas” e que se trata de, no presente, ensinar e transmitir toda a história¹⁰. Ela defendeu a igualdade entre homens e mulheres “apelando ao ideal igualitário iluminista, em chave socialista”, deu visibilidade aos fatos e às condições das mulheres ao compor uma “genealogia das mulheres latino-americanas” (FEMENÍAS, 2021, p. 209). Longe de ser uma tese panfletária e antiacadêmica, seguiu rigorosamente o cânone vigente na produção de teses, com bibliografia atualizada, nos idiomas originais – lembremos que os navios levavam em torno de dois meses para cruzar o Atlântico! Assim, junto com renomados pesquisadores, desenvolveu com eles um “exercício de argumentação teórica em defesa – contra modelo escolástico vigente – do universal kantiano, do qual, até então, só os homens se beneficiavam” (FEMENÍAS, 2021, p. 211).

Elvira López optou por uma espécie de “dramatização dos conceitos” de feminino e feminismo, da Ideia de mulher, em sua multiplicidade, e da formação do tipo de mulher argentina. Recorreu a casos exemplares, determinando uma casuística ligada a uma tipologia, uma topologia e uma posologia relacionada às condições das mulheres de diferentes épocas, culturas, condições econômicas, sociais e culturais, através de “questões menores”, no sentido que Deleuze pensou em seu “O método de dramatização” (2006), quando indicou um conjunto desse tipo de questões, como: “quem?”, “quando?”, “onde?”, “quanto?”, “em qual caso?”, “para que?” e “como?”. Isso porque compreendeu que é com essas questões que a Ideia se torna positivamente

¹⁰ Exatamente consoante com o que, um século depois, Halina Leal (2021, s/p) defendeu: “A filosofia sempre se apresentou e, em geral, ainda se apresenta como um conjunto supostamente universal, imparcial e neutro de pensamentos. Em outras palavras, identifica-se a filosofia com um conjunto de pensamentos sem gênero. Mas, a filosofia e suas narrativas realmente não têm gênero? Para discorrer sobre o assunto, talvez tenhamos que considerar pelo menos duas perspectivas. Uma delas diz respeito ao que efetivamente ocorre na história da filosofia e o que ocorre é o protagonismo masculino. Não que nós mulheres não estivéssemos desde sempre presentes com análises e ponderações sobre os mais distintos tópicos filosóficos. A questão é que fomos e somos recorrentemente silenciadas e apagadas da história contada por filósofos homens, numa reprodução do sexismo e do machismo presentes na sociedade patriarcal. Neste sentido, a filosofia tem servido para reforçar e legitimar as desigualdades entre os gêneros e, sim, ela tem gênero, na medida em que ainda é expressa fortemente por vozes masculinas”.

determinável; porque elas permitem dizer quais são as condições que dão alcance e sentido às ideias. É com elas que se descreve um caso, que se faz uma “casuística”, a qual depende de uma tipologia (respondida pela pergunta “quem?”), de uma topologia (onde?), de uma posologia (quando?). No caso da investigação sobre as condições das mulheres e sobre o feminismo na Argentina e na América Latina, somente esse procedimento pode levar a uma resposta complexa e coerente com o problema. São as “questões menores” que permitem abordar a “essência” do feminismo e do feminino, em seu devir e em suas conexões. Vejamos elas operando em alguns casos, na tese de López (2009):

Mesmo que o lugar mais adequado para a mulher seja o lar, ao lado do marido, “o que fazer com as mulheres que não têm bens materiais e que não se casam?” (p. 32); e, “no caso da mulher casada que fica viúva, com filhos para sustentar?”, e naquele em que a mulher “não encontra em seu marido proteção e ajuda que deveria esperar, ou que por doença deste deverá buscar seu próprio sustento, o do esposo e dos seus filhos?” (p. 33). “Como se poderá fazer de um ser exclusivamente dedicado ao amor, um engenheiro, um capitão, um financista, um economista, um administrador, um filósofo, um legislador, um juiz, um orador, um chefe de estado?” (p. 66). Se, no caso do matrimônio, se diz que a mulher será “objeto de culto para o esposo”, como, pergunta Elvira, ela poderá sê-lo “se nela prevalece a bestialidade? Como tal ser pode representar ‘o ideal, a pureza, a temperança e a generosidade’?” (p. 67). Pinta-se a mulher como um ser de essência pura e elevada, destinada a ser guardada no lar como um ídolo oferecido à adoração em um templo; “criatura eternamente doente que só pode pensar no amor. Então alguém pergunta: a que fica reduzida tão decantada missão da mulher em família?” (p. 69). A mulher foi colocada sempre em condições distintas do homem, que lhe tem negado todos os caminhos que conduzem a uma cultura superior, então, como prova de sua inferioridade, se diz que ela nada produziu de grande e notável nas ciências ou na arte: “como haveria de ter produzido, ao menos na mesma medida do homem, se tem vivido sempre em um meio especial e distinto daquele em que seu natural companheiro vive?” (p. 71). Considerando que a vida moderna impõe atividades de outras ordens que não aquelas do lar, “como a mulher se preparará para desempenhá-las? Como suas pretensões se satisfarão em tal sentido? Como resolver o problema feminista, [vinculado às exigências da vida moderna e à situação das mulheres desamparadas da proteção masculina]?” (p. 75). Não seria melhor a sociedade, em benefício da raça e em nome da humanidade, abrir caminho àquelas que buscam no trabalho honrado [não a prostituição], um recurso contra o vício e a miséria que debilitam e degradam?” (p. 271)

Essas questões incômodas, contudo, foram feitas com uma significativa dose de prudência, no sentido spinoziano do termo. Em seu trabalho, *Spinoza o la prudência*, Chantal Jaquet mostra que o filósofo fez da prudência um método; ele concebeu a noção de prudência como uma “forma de sabedoria prática que consiste em adaptar-

se, dentro dos limites do razoável, ao modo de pensar dos homens”. Fazendo isso, é possível adaptar-se ao vulgo e, assim, ganhar com ele. Em outras palavras, se nos moldarmos ao seu “modo de ver as coisas [...] encontraremos, assim, ouvidos bem-dispostos a escutar a verdade” (JAQUET, 2008, p. 16). Parece-me que a posição de Elvira López pode ser aproximada da de Spinoza, desde que se faça uma adaptação: enquanto o filósofo se dirigia com prudência aos não-filósofos, a quem chamava de “vulgos”, ela recorreu à prudência para apresentar suas ideias a avaliadores não-mulheres, quem, embora fossem filósofos, sobre os assuntos e problemas das mulheres eram, em certo sentido, parte do “vulgo”. Spinoza e Elvira López fizeram da prudência uma pedagogia, no sentido recomendado por ele, no seu *Tratado Teológico-Político*:

Assim, se alguém quiser ensinar uma doutrina a toda a nação, para não dizer a todo o género humano, e quiser ser entendido por todos e em todos os pormenores, terá de demonstrar unicamente pela experiência e adaptar os seus argumentos e as definições das coisas a ensinar à compreensão da plebe, que constitui a maior parte do género humano, em vez de os encadear e de apresentar as definições que melhor serviriam para esse efeito. Caso contrário, escreverá unicamente para os sábios, quer dizer, não poderá ser entendido senão por um número de homens proporcionalmente muito reduzido (ESPINOSA, 2004, TTP, V, p. 199).

Elvira López, por seu lado, iniciou sua tese apelando ao senso comum, ao que Spinoza chamou de *ad captum vulgi*, aproveitando o conhecimento da experiência, aquele que se apreende por ouvir dizer, a percepção adquirida pelo ouvido, com a seguinte consideração:

Devido à tendência natural do espírito humano que o leva a receber com receio qualquer inovação e resistir a ela, o feminismo tem sido combatido e visto por muitos como uma utopia ridícula, que proporia nada menos que inverter as leis naturais ou realizar a monstruosa criação de um terceiro sexo. A ele foram atribuídos propósitos anárquicos, a destruição do lar, a transformação da mulher em um ente anômalo, separada dos propósitos para os quais foi criada; daí as resistências, muito justificadas aliás, se o feminismo propusesse tal coisa (LÓPEZ, 2009, p. 31).

Partindo do que se pode considerar um clichê construído em torno do feminismo e que, provavelmente, seus varonis leitores tinham em mente, Elvira López aproveitou para tomar certa distância do posicionamento de alguns movimentos feministas, como o das sufragistas inglesas. Para ela, considerando as circunstâncias argentinas, era preciso conquistar primeiro outros direitos: benefícios educacionais, conquistas trabalhistas e econômicas para depois, quem sabe, lutar pelos direitos de participação política. Para ela, o feminismo não era uma doutrina, mas “uma tendência ou uma aspiração e, melhor ainda, uma necessidade, um resultado

inevitável da lei da evolução e da crise econômica do século” (LÓPEZ, 2009, p. 31). Fez da realidade a base de suas ideias, mostrou que o feminismo era uma posição para enfrentar os problemas de justiça e de humanidade. Sem ilusões, afirmou que a crise econômica e conjugal obrigou as mulheres a confiar apenas “nas próprias forças”. Algo muito diferente de querer “perturbar o mundo”, pois visava apenas “introduzir maior equidade nas relações sociais e melhorar a situação das mulheres e crianças” (LÓPEZ, 2009, p. 32). Ou seja, justamente porque o mundo já estava de cabeça para baixo e as mulheres, principalmente as pobres e solteiras, eram as que mais sofriam, o feminismo se justificava. Parece que essa prudência andava de mãos dadas com suas convicções. Elvira López não era uma feminista revolucionária. Ela não questionava o lugar natural da mulher, pensava “sem dúvida, que a mulher nasceu para o lar, que nele reina e que esta é a aspiração mais nobre de sua alma” (LÓPEZ, 2009, p. 32)¹¹. Praticamente, quase tudo o que ela propôs foi em função do lar, porém, como indicado nas questões, se preocupou mais com as mulheres que, por acaso, não alcançam essa aspiração, bem como com aquelas que ficam viúvas ou que têm que ajudar na manutenção do lar.

Crítica da ideia idolatrada de mulher, Elvira López desejava e defendia o desaparecimento de um tipo de mulher, aquele que “não trabalha, não ama, não sofre; que não tem mais culto que o de sua pessoa, o luxo, a vaidade e a mentira”. Em vez disso, ela propôs que as mulheres concebessem a vida humana e a vivessem com modéstia e com verdade. O que implicava, para ela, a prática da “caridade da alma sem ostentações; que eleve seu espírito e fortaleça seu caráter; que seja tolerante e aceite como lema esta regra de ouro: ‘trate como gostaria de ser tratada’”. Compreendia que essa concepção e prática eram o caminho para a emancipação, “não do homem, porque a mulher não é escrava dele, mas do seu próprio sexo; ela se emancipará desse tecido de preconceitos medievais que estreitam seu espírito e sufocam seu coração” (2009, p. 85).

Educação e instrução das mulheres com vistas à justiça social

Em suma, o feminismo defendido por Elvira López era nada mais nada menos que a defesa de uma educação adequada, o fácil acesso a profissões sociais, para assegurar a todas as mulheres “uma situação de independência moral e econômica que as coloque ao abrigo da miséria, e de todos os perigos que traz consigo” (LÓPEZ, 2009, p. 33). Defendeu, portanto, uma forma de justiça distributiva, algo que, até hoje, ainda é almejado. Por isso, também, no Prólogo da publicação da tese, Verónica Gago

¹¹ Por meio de sua prudência, López mostrou distância da posição das anarquistas que consideravam o casamento o estabelecimento de um vínculo de escravidão. Em 1896, o periódico *La Voz de la Mujer* apelava às mulheres: “Jovens, meninas, mulheres em geral, da presente sociedade! Se não querem converterem-se em prostitutas, em escravas sem vontade de pensar nem sentir, não se casem! [...] Vocês que pensam encontrar amor e ternura no lar, saibam que não encontrarão outra coisa que um amo, um senhor, um rei, um tirano” (apud PRADO, 2015, p. 7).

Como tornar cidadã um ser “exclusivamente dedicado ao amor”? Sobre Elvira López, autora da primeira tese em filosofia feminista da América Latina

caracterizou Elvira López como uma “vanguardista prudente” (2009, p. 7). Tudo isso não só para o bem das mulheres, mas de toda a sociedade, pois, no seu entender, se aprendessem a estudar e a pensar elevariam “a sociedade, libertando-a daquela atmosfera de frivolidade e vaidade que hoje predomina nela, e forçariam também os homens a aprender mais” (LÓPEZ, 2009, p. 93).

Para falar em uma linguagem deleuziana, sobre a teoria do artifício: o número máximo de mulheres instruídas e educadas permite a ampliação da simpatia, alcançando assim a estima e, para López, uma transformação da sociedade argentina. É um problema moral, não pensado em termos do que Deleuze chamaria de uma lógica do “juízo de Deus”, mas como responsável pela extensão de sentimentos particulares, que podem ser colocados nos seguintes termos deleuzianos: fazer que a simpatia supere a parcialidade natural para que homens – e mulheres – sejam morais, artificialmente (DELEUZE, 2018, p. 154). Ou seja, se as mulheres tiverem uma educação adequada e prolongada, necessariamente superarão a lógica natural do clã e, artificialmente, produzirão uma consideração ampliada, dando à simpatia um caráter geral, contribuindo, assim, para a construção de uma nação na qual seus membros, em igualdade, poderão voltar suas virtudes sociais para o fortalecimento e promoção de uma sociedade melhor (cf. LÓPEZ, 2009, p. 80-83). Graças à educação das mulheres, a simpatia pelo lar e a estima pela humanidade caminharão juntas e haverá mais oportunidades para alcançar a justiça social na América Latina. Só assim um ser exclusivamente dedicado ao amor alcançará a condição de cidadã.

198

Referências

- BUCHBINDER, P. *Historia de la facultad de Filosofía y Letras*: Universidad de Buenos Aires. Buenos Aires: Eudeba, 1997.
- DELEUZE, G. “O método de dramatização”. In. DELEUZE, Gilles. *A ilha deserta e outros textos*. Tradução de Luiz Orlandi. São Paulo: Iluminuras, 2006.
- _____. *Cartas e outros textos*. Tradução de Luiz Orlandi. São Paulo: n-1 edições, 2018.
- _____. GUATTARI, F. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Tradução de Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: 34, 1997, vol. 5.
- ESPINOSA, B. *Tratado teológico-político*. 3ª edição. Tradução, introdução e notas de Diogo Pires Aurélio. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2004.
- FEMENÍAS, M. L. *Ellas lo pensaron antes: filósofas excluídas de la memoria*. Buenos Aires: Lea, 2021.
- GAGO, V. “El programa político de una vanguardista prudente”. In. LÓPEZ, Elvira. *El movimiento feminista*. Primeros trazos del feminismo en Argentina. Buenos Aires: Biblioteca Nacional, 2009.
- HALPERÍN, D. T. *Historia de la universidad de Buenos Aires*. Buenos Aires: Eudeba, 1962.
- JAUQUET, C. *Spinoza o la prudencia*. Tradução de Axel Cherniavsky. Buenos Aires: Tinta Limón, 2008.

- LEAL, H. Filosofia e gênero. *Coluna ANPOF*, 21 jun. 2021. Disponível em <https://anpof.org/comunicacoes/coluna-anpof/filosofia-e-genero>. Acesso 06 out. 2022.
- LÓPEZ, E. *El movimiento feminista: primeros trazos del feminismo en Argentina*. Buenos Aires: Biblioteca Nacional, 2009. Disponível em: https://www.bn.gov.ar/micrositios/admin_assets/issues/files/72971dd6d3d84b12f47a09od80d523e4.pdf. Acesso 06 out. 2022.
- MOREIRA, F. S. “Filho Feio não tem pai: notas para uma história da filosofia do racismo”. In. ANPOF. *Coluna ANPOF*, 15 set. 2022. Disponível em: <https://anpof.org/comunicacoes/coluna-anpof/filho-feio-nao-tem-pai-notas-para-uma-historia-da-filosofia-do-racismo>. Acesso em 07 out. 2022.
- PALERMO, A. I. “El acceso de las mujeres a los estudios universitarios (siglo XIX)”. *Revista argentina de sociología*, v.4 n.7, Buenos Aires jul./dez. 2006. Disponível em: http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1669-32482006000200002. Acesso em 08 jun. 2022.
- PRADO, N. M. La emergencia del feminismo en la Argentina: un análisis de las tramas discursivas a comienzos del siglo XX. *Revista Estudos feministas*, 23(1), jan.-abr. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/8pYxQFyfXmZHGdBBH9t7hLC/?format=pdf&lang=es>. Acesso em 7 out. 2022.
- SPADARO, M. C. “La Ilustración: un triste canto de promesas olvidadas”. *Revista de Filosofía y Teoría Política*, Anexo, 2005.
- UNZUÉ, M. “Historia del origen de la universidad de Buenos Aires (A propósito de su 190° aniversario)”. *Revista iberoamericana de educación superior*, vol.3, no.8| sept. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.org.mx/pdf/ries/v3n8/v3n8a4.pdf>. Acesso em 06 out. 2022.